ARARA-AZUL: A UTILIZAÇÃO DE UMA ESPÉCIE AMEAÇADA EM ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO PARA A CONSERVAÇÃO

Neliane Guedes Corrêa[1]

Neiva Maria Robaldo Guedes[2]

[1] Assistente de Pesquisa do Projeto Arara-Azul. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), Caixa Postal 23, 79380-000 Miranda, MS, Brasil. E-mail:basepaa@yahoo.com.br;

[2] Pesquisadora do Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da UNIDERP, Coordenadora do Projeto Arara Azul e Doutoranda em Zoologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Botucatu, Rua Klaus Sthurk, 178, Jardim Mansur, 79051-660. Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: projetoararaazul@uol.com.br.

RESUMO

A intervenção humana tem levado a perda da biodiversidade em diversas áreas e, por conseqüência, muitas espécies à extinção. Como são os seres humanos que interferem no ambiente, o envolvimento das comunidades locais em atividades de educação ambiental, promovidas por projetos de pesquisa científica, tem sido uma constante, com possibilidade de atuar para mudar. Em função disso, o Projeto Arara-Azul, que vem sendo realizado no Pantanal Sul-Mato-Grossense desde 1990, também realiza várias atividades de educação ambiental. O objetivo dessas atividades é envolver e sensibilizar as comunidades locais quanto aos problemas ambientais, buscando a conservação da arara-azul, espécie ameaçada de extinção, e conseqüentemente, da biodiversidade pantaneira. Este trabalho apresenta o resultado das atividades realizadas entre maio de 2003 e julho de 2005, na base do Projeto Arara-Azul Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal na Caiman, no Refúgio Pantanal de Miranda, MS. Foi realizado um total de 68 oficinas nos fins de semana onde participaram 70 crianças de quatro a doze anos. Houve uma média de 20 crianças presentes em cada oficina. As atividades desenvolvidas foram: a) oficinas de música tradicional, com dez apresentações; b) oficinas de debate, com os temas: lixo, água e arara-azul; c) oficinas de modelagem em *biscuit*, onde se confeccionaram: arara-azul, onça, tucano, garça-branca, tuiuiú, tartaruga e centopéias; d) oficina de desenho do antes e depois e desenho livre; e) oficina de experimentação, com plantio de semente em água limpa e água suja e verificação do resultado da germinação; f) oficina de vídeos educativos com temas ecológicos; g) oficina de reciclados, com aproveitamento de resíduos sólidos para confecção de brinquedos; h) oficina recreativa, com brincadeiras de percepção de uma cadeia ecológica. Como resultado, percebeu-se ganho cognitivo, elevação da auto-estima e da autoconfiança, por meio do aumento das iniciativas. Notou-se que houve um maior nivelamento ativo e participativo, aumento do companheirismo e aguçar da sensibilidade artística na observação das pequenas diferenças entre as espécies, promovendo a empatia com os animais. Muitas crianças replicaram os conhecimentos em casa, com os pais. Percebeu-se que o conhecimento gerou mudança de atitudes e a sensibilização gerou envolvimento das crianças com as causas ambientais.

Palavras-chave: Educação ambiental. Pantanal. *Anodorhynchus hyacinthinus*.

1 INTRODUÇÃO

O aumento das populações humanas e a necessidade de produzir alimentos cada vez em maior quantidade, mais rápido e com menor preço, têm levado à descaracterização ou destruição de muitos habitats ou espécies. Muitas vezes, atividades agrícolas ou de monocultura levam à perda de biodiversidade de muitas áreas e, conseqüentemente, à extinção de espécies da fauna e flora nativa. Com isso, populações naturais estão diminuindo, se perdendo ou entrando em extinção. Segundo Valladares-Pádua et al. (2003), o aspecto mais dramático desses fatos é a irreversibilidade da extinção de determinada espécie. Vários danos ao meio ambiente podem ser revertidos ou minimizados, mas uma extinção é para sempre.

Para Tamaio e Sinicco (2000), como são os seres humanos que interferem no ambiente, e têm possibilidade de atuar para modificar o atual modelo de desenvolvimento que tem colocado em perigo a vida na Terra, uma conclusão tornou-se inevitável: a educação ambiental é responsabilidade de todos, individual e coletivamente.

Assim, na década de 1970, surgiu formalmente a Educação Ambiental, como resposta às crises socioambientais crescentes que não estavam sendo abordadas efetivamente nas diversas áreas da atividade humana, principalmente nas propostas tradicionais da educação.

A arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*) é uma espécie que teve a população diminuída até a década de 1980, por causa da captura de indivíduos para o comércio, a descaracterização do habitat e coleta de penas pelos indígenas. Levantamentos realizados por instituições internacionais, indicam que até 10 mil indivíduos foram retirados da natureza (GUEDES, 1993). Ameaçada de extinção, a população de araras-azuis no Pantanal chegou a ser estimada em 1.500 indivíduos (GUEDES; HARPER, 1995).

No Pantanal, a situação dessa ave começou a mudar com o início do Projeto Arara-Azul em 1990. O objetivo principal dele foi manter populações viáveis de araras-azuis em médio e longo prazos na natureza e promover a conservação da biodiversidade e do Pantanal como um todo (GUEDES, 1995).

Atualmente, o Projeto Arara-Azul conta com duas bases de pesquisas: no Refúgio Ecológico Caiman no município de Miranda, MS e outra no Instituto de Pesquisa do Pantanal (IPPAN) da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) na Pousada Araraúna, no município de Aquidauana, MS. Dentre as atividades desenvolvidas, destaca-se a Educação Ambiental que tem como objetivo sensibilizar e envolver as comunidades locais para a conservação da arara-azul e da biodiversidade pantaneira.

O objetivo deste trabalho é apresentar o resultado de algumas atividades de educação para a conservação que vêm sendo desenvolvidas pelo Projeto Arara-Azul/UNIDERP.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado no período de maio de 2003 a julho de 2005, na base do Projeto Arara-Azul/UNIDERP no Refúgio Ecológico Caiman, no Pantanal de Miranda, MS.

Localizado no Centro da América Latina, o Pantanal é um complexo de subsistemas integrados e moldados a partir de águas da Bacia do Alto Paraguai. Apesar do nome, o Pantanal não é um imenso pântano (GUEDES, 1993). Ele

apresenta acumulações de água por causa de suas condições topográficas e baixa declividade, provocando diferentes perfis de inundação e tempo de duração. Aproximadamente, 70% da extensão do Pantanal encontra-se no território brasileiro, nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O Pantanal é um ecossistema com características peculiares de grande importância biológica e uma exuberância tal que faz com que haja cada vez mais preocupação com sua preservação. O ecossistema pantaneiro abriga pelo menos 650 espécies de aves, 80 de mamíferos, 50 de répteis, 1.100 de borboletas, mais de 262 espécies de peixes e 1.700 espécies da flora. Pelo seu estado de conservação, sua rica biodiversidade e as particularidades de seu ecossistema, o Pantanal é considerado Reserva da Biosfera e Patrimônio Natural da Humanidade (LANGE; FREITAS, 2004).

Este trabalho de educação ambiental para conservação foi realizado por meio de oficinas nos finais de semana. O público-alvo foram crianças da comunidade pantaneira local. Foi realizado um total de 68 oficinas. O número total de crianças que participou das oficinas foram 70, com média de 20 crianças presentes por oficina. A faixa etária das crianças foi muito variada, de quatro a doze anos, limitando algumas atividades propostas, ou necessitando que as crianças mais novas fossem auxiliadas durante as atividades.

A seguir são descritas nas oficinas realizadas, com metodologia sugerida por Pádua (1997) e Valladares-Pádua et al. (2003).

a) **Oficina de Música Tradicional** no Pantanal - foram ensinadas às crianças da comunidade. A letra de cada música foi debatida com elas. Primeiro buscou-se a interpretação da letra, em seguida, destacaram-se os termos locais e seus significados, para então ensinar a melodia da música. Depois disso, as próprias crianças decidiram juntas a interpretação da música, em forma de coreografia;

b) **Oficina de Debate** - onde um tema foi proposto para ser debatido e suas possíveis soluções. Foi solicitado a cada criança que expusesse o que sabia sobre o assunto abordado. A partir das informações delas obtidas, o coordenador, utilizando o método do construtivismo, orientou a descoberta dos problemas gerados pela ação do homem sobre o meio e, em seguida, a descoberta de soluções para essas ações;

c) **Oficina de Modelagem** - foram confeccionados bichos da fauna pantaneira, com massa de biscuit (massa atóxica constituída por uma mistura de maisena, cola Cascorez, vaselina líquida e limão). Buscou-se colocar o máximo de detalhes dos animais de verdade, para que a criança percebesse as pequenas diferenças entre as espécies. Para a modelagem foram utilizadas espátulas, palitos e tinta para colorir;

d) **Oficina de Desenho** - trabalhou-se com o antes e depois. De início foi solicitado que cada criança fizesse um desenho, utilizando a memória, de determinado animal. Depois, foi mostrada uma foto do

animal, foi para que as crianças o observassem bem e avaliassem os seus próprios desenhos. Em seguida, foi solicitado outro desenho do mesmo animal. Incentivou-as para que se lembrassem dos detalhes que caracterizavam a espécie. Na Oficina do Desenho Livre, cada criança fez um desenho livre com a temática do Pantanal;

e) **Oficina de Experimentação** - realizou-se a experiência de plantar sementes de girassol, que tem rápido crescimento, em dois vidros. Em dos vidros, continha um algodão embebido em água limpa; no outro, um algodão embebido em água suja, detergente e óleo queimado. Após dois meses, verificou-se o resultado do crescimento nos dois vidros;

f) **Oficina de Vídeos Educativos** - foram apresentados filmes com temática ecológica. Após a apresentação, realizou-se uma gincana de perguntas. A criança que obteve o maior número de acertos com respostas corretas foi premiada com uma lembrança do Projeto Arara-Azul;

g) **Oficina de Reciclados** - durante esta oficina de reaproveitamento de resíduos sólidos separados do lixo, procurou-se dar novo destino aos materiais sólidos, separando-os do lixo. Criaram-se brinquedos com as sucatas. Após a confecção destes, as crianças puderam se divertir com as próprias criações;

h) **Oficina Recreativa** - uma criança tem os olhos vendados, representando o morcego, animal que enxerga pouco e se orienta pelo som. As outras crianças sem venda nos olhos gritavam a palavra "morcego", para orientá-la onde estavam. O morcego devia persegui-las, dentro de um quadrado demarcado e capturá-las. Algumas crianças eram previamente escolhidas para representarem os animais que serviriam de caça/alimento para o morcego; outras seriam seus predadores e outras representariam a água, árvore, fogo e poluição. O objetivo da brincadeira era falar de cadeia alimentar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na **Oficina de Música**, foram ensaiadas: "Chalana", "Tocando em frente", "Água", "Ser Criança", "Dia de Rodeio" e "Criança Feliz", todas músicas com temas regionais. Realizou-se um total de dez apresentações das crianças cantando e representando as músicas em eventos na base do Projeto Arara-Azul e no Refúgio Ecológico Caiman (Figuras 1 e 2).

Na Oficina de Debate foram discutidos os temas: lixo, água e a arara-azul, animal em risco de extinção. Ao debater sobre o problema do lixo, as crianças descobriram que este se acumula nos depósitos, causando danos à saúde e ao meio ambiente. A sugestão dada pelas próprias crianças foram a diminuição da produção e reciclagem do lixo.

Na abordagem do tema Água, muitas crianças não tinham noção da importância vital dela para todos os seres vivos. Assim, enfocaram - se a utilização da água, a contaminação dos mananciais, o seu uso indiscriminado, o desperdício e o futuro incerto dela se não houver critérios e responsabilidade no seu uso. Foram discutidas noções e medidas simples de economia de consumo de água. Para concluir essa abordagem, foram confeccionados cartazes com frases contendo idéias de economia de água (Figura 3).

Com relação à arara-azul, as crianças aprenderam as razões que estavam levando as araras a extinção, noções de sua reprodução, comportamento e o que poderiam fazer para conservá-las na natureza.

a) Na **Oficina de Reciclagem** foram mostradas formas de aproveitar materiais que estavam destinados ao lixo. Assim, foram feitos brinquedos de sucata (Figura 4). Confeccionaram-se "vai-vem" de garrafa *pet*, "minijardins" em vidros de maionese, com plantas, sementes, pedras para ornamentação e "cata-vento" de garrafa *pet*.

b) Na **Oficina de Experimentação**, para ilustrar o que pode acontecer quando há contaminação da água, foram plantadas sementes de girassol em água poluída e água potável. Depois de um mês do plantio, verificou-se que as sementes que estavam no algodão com água limpa tinham germinado e estavam com as folhas verdes. As sementes no chumaço de algodão embebido em água poluída tinham começado a germinar, mas não tiveram forças e acabaram morrendo. Isto comprovou que a contaminação da água afeta a vida dos vegetais.

c) Na **Oficina de Modelagem**, as crianças confeccionaram arara-azul, onça, tucano, garça-branca, tuiuiú, tartaruga e centopéias (Figura 5A e 5B).

d) Na **Oficina de Desenho**, o animal desenhado foi o tucano. No primeiro desenho, poucas crianças se lembravam das cores do bico e do corpo, mas, no segundo desenho, as diferenças foram percebidas e desenhadas. No desenho livre, percebeu-se que ao retratar o Pantanal, muitos animais da fauna pantaneira foram incluídos nos desenhos. O animal mais desenhado pelas crianças foi a arara-azul, seguido da onça e jacaré (Figura 6).

e) Na **Oficina de Vídeos Educativos,** foram apresentados "Momento Ecológico", "Observando a Natureza" e "Projeto Arara Azul" de autoria de Haroldo Palo Júnior, e um sobre o "Tráfico de Animais Silvestres" produzido pela Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. Após a apresentação dos filmes, na gincana de perguntas, estas foram respondidas, mostrando a atenção das crianças com os vídeos (Figura 7).

f) Na **Oficina Recreativa,** as crianças puderam perceber a diversidade e os elementos de uma cadeia ecológica. Puderam ver os efeitos causados pelas interferências humanas e a extinção de espécies.

Guardadas as devidas proporções, os resultados aqui obtidos são semelhantes ao encontrados por Pádua (1997), em atividades de educação ambiental com o mico-leão-preto *(Leontopithecus chrysopygus)* no Parque Estadual do Morro do Diabo no extremo oeste estado de São Paulo, e Dietz e Nagagata (1997), em programa de educação ambiental com o mico-leão-de-cara-dourada (*Leontopithecus rosalia)* na Mata Atlântica no estado do Rio de Janeiro.

Verificou-se que na **Oficinas de Música e Dança**, houve um grande interesse das crianças em participar ativamente na elaboração das coreografias. Percebeu-se que crianças tímidas e com pouca iniciativa começaram a se mostrar mais seguras e participativas, até o momento em que se percebeu não haver uma divisão clara entre crianças tímidas e ativas, pois estavam todas no mesmo nível participativo.

Percebeu-se a elevação da autoconfiança, principalmente após as primeiras apresentações em eventos, com a percepção de sua capacidade de realização, e também um aumento do senso crítico, ao avaliar sua *performance* e sua postura diante do público. Por fim, houve o aumento do companheirismo, na diminuição de brigas entre as crianças.

Na **Oficina de Debate**, notou-se a participação de todas as crianças na busca de soluções, embora nem todas estas sejam aplicáveis. O importante a ser ressaltado é a participação e o interesse em tentar encontrar soluções para o problema que existe, como o lixo e o uso da água, pois este é um exercício que deve começar na infância.

Em relatos feitos pelas próprias crianças, muitas replicaram as idéias discutidas nas oficinas, com os pais. Segundo elas, algumas, ao observarem que os pais não estavam usando a água com responsabilidade, pediram para que fosse usada a vassoura para limpar a calçada antes de jogar água, ao invés de usar apenas a mangueira, diminuindo assim o consumo de água, conforme tinha sido aprendido nas oficinas.

Na **Oficinas de Modelagem**, verificou-se aumento de coordenação motora, aguçou-se a sensibilidade artística levando as crianças a observarem as diferenças entre as espécies, promovendo a empatia com o animal.

Na **Oficina de Desenho**, do antes e depois, procurou-se construir com as crianças a diferença entre as espécies. Nos primeiros desenhos, observou-se que algumas crianças não faziam relação do nome do animal com a sua forma, fato que era percebido ao mostrar o desenho. No segundo desenho, pôde-se verificar a sua cor, forma e particularidades ressaltadas pela curiosidade em desenhar corretamente.

Na **Oficina do Desenho Livre** observou-se que as crianças vêem a arara-azul como parte da paisagem pantaneira, e que deve ser preservada. Em alguns desses trabalhos, foram desenhados ninhos naturais, e em outros, ninhos artificiais semelhantes ao que são instalados pelo Projeto. Isto demonstrou que as crianças consideram importante o trabalho de manejo realizado pelo Projeto Arara-Azul. Esses dados corroboram com Caro e O'Doherty (1999), que afirmam que espécies símbolos e guarda-chuva devem ser utilizados em trabalhos de biologia da conservação.

Outros animais, como onça, cobra e jacaré, não são mais temidos como o bicho-papão das histórias infantis e são considerados integrantes do ecossistema, pois foram desenhados como parte da paisagem e devem ser preservados.

4 CONCLUSÃO

Com este trabalho, percebeu-se que houve um aumento de conhecimento e mudança de atitude das crianças que fizeram parte das oficinas. Houve sensibilização e envolvimento delas nas atividades.

Entretanto, sabemos que ainda há muito a ser feito. Espécies carismáticas, como a arara-azul, servem de bandeira para a conservação e, por isso, podem e devem ser utilizadas em programas de educação conservacionista.

A preservação do Pantanal é um desafio para as futuras gerações que hoje estão em fase de formação e são mais suscetíveis para aprender novas formas de interagir com o meio em que vivem. Assim, é nossa missão e responsabilidade mostrar a essas crianças a exuberância da biodiversidade pantaneira, para que, conhecendo, possam preservar.

AGRADECIMENTOS

Aos aos executores e parceiros do Projeto Arara Azul: UNIDERP, WWF Brasil, Toyota e Caiman, bem como aos patrocinadores e apoio: Vanzin Escapamentos, Brasil Telecom, GNF, Bradesco Seguros, Criadouro Assas do Brasil, Br Tintas e Fundação Manoel de Barros. Aos nossos familiares e em especial a Cezar, Caio, Gabi, Joacilei, Sophia, Eveline e Inocência e as biólogas Grace F. Silva e Andréa C. Macieira, pelo apoio constante.

ABSTRACT

Human intervention has lead to biodiversity loss in several areas, and therefore, to the endangerment of many species. Since human beings are the ones to interfere in the environment, the involvement of local communities in environmental education activities promoted by scientific research projects has been constant, for they have the ability to act for change. Because of this the Hyacinth Macaw Project, research project in the South Pantanal since 1990, also does several environmental education activities. These activities' objectives are to involve local communities in environment problems, seeking the conservation of the Hyacinth Macaw, an endangered species, and consequently, of the Pantanal's biodiversity. This paper shows the result of the activities done between May 2003 to July 2005, in the Hyacinth Macaw Project/UNIDERP field base at Caiman, in the Pantanal of Miranda-MS. We did 68 workshops on the weekends, where 70 children of ages from 04 to 12 participated. There were in average 20 children in each workshop. The activities were: 1) Traditional music workshop, with 10 presentations; 2) Debate workshops, with the following themes: garbage, water and Hyacinth Macaw; 3) Workshops to make miniature models, where Hyacinth Macaws, Jaguars, Toucans, Great Egrets, Jabirus, Turtles and Centipedes were made; 4) Drawing workshops; 5) Experiments workshops, planting seeds in clean and dirty water to see how well they grow; 6) Education videos with ecological themes workshops; 7) Recycled material workshops, using solid residues to make toys; 8) Recreation workshop, with games about an ecological food chain. As a result we noticed cognitive profit, increase in self-esteem and self-confidence through the increase in initiative. The children became more active/participative, developed companionship and more artistic sensitivity when observing small differences between species, which promoted empathy with other animals. Many of the children used what they learned in class at home, with their parents. In the end we noticed that the knowledge brought attitude change and the children became involved in environmental causes.

Keywords: Environment education. Pantanal. *Anodorhynchus hyacinthinus*.

REFERÊNCIAS

CARO, T. M.; O´DOHERTY, G. On the Use of Surrogate Species in Conservation Biology. **Conservation Biology**, v.13, n. 4, p.805-814. 1999.

DIETZ, L. A. H.; NAGAGATA, E. Y. Programa de conservação do mico-leão-dourado: atividades de educação comunitária para a conservação da mata atlântica no estado do Rio de Janeiro. In: PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. **Educação ambiental**: caminhos trilhados no Brasil. Brasília,

DF: Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPE), 1997. Cap.9.p.133-146.

GUEDES, N. M. R. Biologia reprodutiva da arara-azul (Anodorhynchus hyacinthinus) no Pantanal – MS, Brasil. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – ESALQ/USP, Piracicaba, SP, 1993. 123p.

GUEDES, N. M. R.; HARPER, L.H. Hyacinth Macaw in the Pantanal. In: Abramson, J.; Speer, B. L. & Thomsen, J. B. **The Large Macaws:** their care, breeding and conservation. 1ª Ed., Raintree Publications, Fort Bragg, California, 1995. Cap.20.p.394-421.

GUEDES, N. M. R. Alguns aspectos sobre o comportamento reprodutivo da arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*) e a necessidade de manejo para a conservação da espécie. In: CONGRESSO DE ETOLOGIA, 13, 1995, Pirassununga-SP. **Anais**...Pirassununga: Sociedade Brasileira de Etologia. 1995. p.274-292.

LANGE, B.; FREITAS, V. A. **RPPNs na Bacia do Alto Paraguai – Brasil.** Brasília, DF: WWF-Brasil (Catálogo para a divulgação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) na Bacia do Alto Paraguai, Brasil). 2004. 48p.

PADUA, S. M. Uma pesquisa em educação ambiental: a conservação do mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*). In: VALLADARES-PADUA, C.; BODMER, R. E.; CULLEN JR, L. (Org.). **Manejo e Conservação de vida silvestre no Brasil.** Brasília, DF: CNPq / Belém, PA: Sociedade Civil Mamirauá, 1997. Cap.3.p.34-51.

TAMAIO, I.; SINICCO, S. **Educação Ambiental**: seis anos de experiência. São Paulo: WWF Brasil, 2000.

VALLADARES-PÁDUA, C. B.; MARTINS, C. S.; RUDRAN, R. Manejo integrado de espécies ameaçadas. In: CULLEN JR, L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PÁDUA, C. (Org.). **Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre.** Curitiba: Ed. Da UFPR; Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2003. Cap.24.p.647-665.

ANEXO I – FIGURAS

Figura 1 – Um dos grupos de crianças que participaram das oficinas de educação ambiental na Caiman, com a coordenadora das atividades, Neliane Guedes. Foto: Luciano Candisani

Figura 2 – Apresentação musical das crianças no Centro de Visitantes do Projeto Arara Azul na Caiman. Foto: Neiva Guedes

Figura 3 – Oficina de debate para discutir destino do lixo, água e arara azul, no Centro de Visitantes do Projeto Arara Azul/UNIDERP. Abril 2005. Foto: Joilson Medeiros

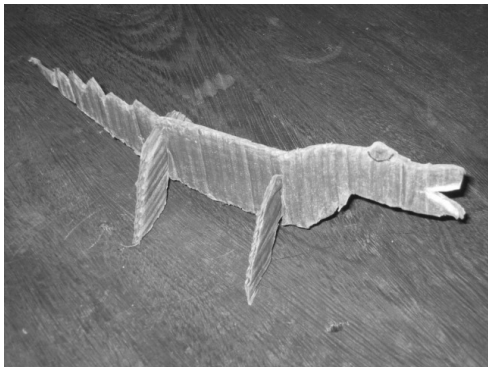

Figura 4 – Oficina de reciclagem com o aproveitamento de resíduos sólidos, no exemplo acima, a confecção de um jacaré com caixa de papelão. Foto: Neliane Corrêa

Figura 5A – Mostra dos animais confeccionados na Oficina de Modelagem. Foto: Neliane Corrêa

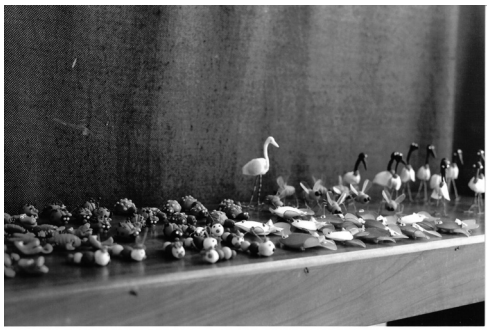

Figura 5B – Resultado dos trabalhos da Oficina de Modelagem, com os bichinhos confeccionados em biscuit. Foto: Neliane Corrêa

Figura 6 – Uma amostra do resultado da Oficina de Desenho, feito pelas crianças no Pantanal de Miranda-MS. Foto: Neliane Corrêa

Figura 7 – Oficina de vídeos educativos para crianças e uma turista na base do Projeto Arara Azul/ UNIDERP, no Pantanal em Miranda-MS. Foto: Carlos Cezar Corrêa